

Mulher e literatura, mulheres na literatura

Jair Zandoná

Tânia Regina Oliveira Ramos

Zahidé Lupinacci Muzart

Universidade Federal de Santa Catarina

Para a Revista *Anuário de Literatura* o ano de 2013 é especialmente significativo, pois (de)marca uma trajetória de 20 anos de publicações, de transições e mudanças editoriais, de reafirmações no que se refere ao envolvimento de alunos/as e de professores/as do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC na produção e na publicação de estudos críticos/teóricos voltados para a literatura e áreas afins. Nesse sentido, o conselho editorial decidiu elaborar um número especial, com a colaboração de Tânia Regina Oliveira Ramos e Zahidé Lupinacci Muzart, dedicado à linha de pesquisa *Crítica Feminista e Estudos de Gênero*, com o objetivo de estabelecer um número que discutisse as relações de gênero, de subjetividade, de poder, de experiências no campo da literatura. Esse convite, além de prestigiar a relevância dos estudos feministas e de gênero, estendendo tal reconhecimento às/aos professoras/es e alunas/os envolvidas/os nesse campo, homenageia os esforços das professoras



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas¹ que, nas últimas décadas, têm se comprometido tão assiduamente, empenhadas na organização do Seminário Internacional Fazendo Gênero, cuja série está, neste ano, em sua 10ª edição com o tema geral: Desafios Atuais dos Feminismos (www.fazendogenero.ufsc.br/10/) e envolve professoras/es e alunas/os de vários departamentos da UFSC e também da UDESC.

Rememorando essa trajetória, o primeiro encontro do Fazendo Gênero, *Seminário de Estudos sobre a Mulher*, aconteceu em 1994, e foi organizado com apoio do Programa de Pós-Graduação em Literatura. A ênfase do primeiro encontro, de amplitude nacional, foi o gênero na Literatura, História, Psicanálise e Antropologia, enfocando também o feminismo contemporâneo. Esse evento possibilitou a publicação de uma primeira coletânea, intitulada *Fazendo Gênero*, organizada por uma comissão de pesquisadoras do Centro de Comunicação e Expressão, a qual reuniu os trabalhos apresentados por cerca de 100 pesquisadoras. De lá para cá, o Fazendo Gênero alavancou proporções internacionais, estreitando o comprometimento de todas as professoras envolvidas em sua organização, assim como na edição da Revista Estudos Feministas e demais atividades organizadas pelo Instituto de Estudos de Gênero da UFSC (www.ieg.ufsc.br).

Este número inicia com a sessão **Mulheres e Literaturas** e conta com colaboração de Sara Beatriz Guardia, conferencista de abertura do Fazendo Gênero 10, com o texto *Literatura e Escrita Feminina na América Latina*, no qual apresenta uma leitura sobre o modo como a literatura escrita por mulheres interpela os discursos hegemônicos, critica e reinterpreta a tradicional cultura latino-americana. Em seguida, a escritora Carola Saavedra, em *O fantasma da literatura feminina*, faz uma breve reflexão sobre a literatura tida como de autoria feminina a fim de problematizar essa expressão. No artigo *Paisagens de letras e palavras*, Norma Telles trata de escritoras do século XIX relacionando-as ao meio sociocultural que configurou a paisagem pela qual caminhavam, traçava

¹ Nomeadamente: Cláudia de Lima Costa, Rosana de Cássia Kamita, Simone Pereira Schmidt, Susana Bornéo Funck, Tânia Regina Oliveira Ramos e Zahidé Lupinacci Muzart.

a dinâmica de suas formações e instigava seus temas. Em sua análise, retoma escritoras que se debruçaram de várias maneiras sobre situações e conflitos que a sociedade preferiria não assinalar, buscando passagens alternativas para modificá-los, especialmente os relacionados à família, à educação das mulheres e ao amor.

Zahidé Lupinacci Muzart elabora uma interessante leitura, em *Carolina Nabuco: uma lady em nossa literatura*, sobre a obra da escritora brasileira, dedicando-se ao livro *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*. Em *Luzes portuguesas na caverna do patriarcado brasileiro*, Constância Lima Duarte dedica-se às *Novas cartas portuguesas*, publicação que revelou as diversas formas de opressão a que as mulheres estavam submetidas através dos séculos pela imposição patriarcal. Nesse sentido, pretende refletir sobre a repercussão dessa publicação na mídia impressa e entre as feministas brasileiras.

Em *Traduzindo a memória colonial em português: raça e gênero nas literaturas africanas e brasileira*, Simone Pereira Schmidt propõe discutir sobre os modos de representação e as problematizações com relação às intersecções existentes entre as categorias de gênero e raça na literatura de autoria feminina produzida contemporaneamente nos contextos brasileiro e africanos de língua portuguesa, em especial a partir da leitura de *Becos da memória*, da brasileira Conceição Evaristo e do conto “Desencanto”, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis. Luciana Eleonora de F. C. Deplagne, no texto *A reescrita do mito das Amazonas na obra “A Cidade das Damas” de Christine de Pizan*, busca analisar a reapropriação do mito das Amazonas pela escritora Christine de Pizan (1364-1430), na obra *A Cidade das Damas* (1405), identificando na sua escrita traços pioneiros do pensamento feminista. Para a realização do trabalho analítico, estabelece um diálogo entre as biografias femininas propostas pela autora em *A Cidade das Damas*, e aquelas apresentadas pelo escritor italiano Boccaccio (1313-1375), em *De Claris Mulieribus*, focalizando nas duas obras a representação do mito das Amazonas.

Conceição Evaristo abre a sessão **Escritas contemporâneas** com o artigo *Chica que manda ou a Mulher que inventou o mar?* discutindo sobre a atuação das mulheres negras em vários episódios da história

nacional brasileira. Em seu texto, toma o caso de Francisca da Silva de Oliveira que se tornou vítima de uma narrativa profundamente estereotipada. Nesse sentido, traz algumas considerações em torno da criação e da recriação da imagem de Chica da Silva tendo por base textos históricos e literários, como *Chica da Silva - a mulher que inventou o mar*, de Lia Viera. Em *Aventais (não mais) sujos de ovos: re(a)apresentações*, Tânia Regina Oliveira Ramos volta-se para narrativas contemporâneas que buscam representar pela escrita os sentidos da paixão da mulher urbana moderna, suas experiências de moralidade, e o que resta do que se chamou arquetipicamente de respeitabilidade e de responsabilidade doméstica.

Anselmo Peres Alós, no artigo *Uma carioca exilada no Velho Mundo: deslocamentos poéticos de uma estrangeira bilíngue*, busca realizar uma leitura do primeiro livro de poemas publicados por Diana Araújo Pereira, *Outras palavras/Otras palabras*, o qual pode ser considerado como um exercício poético bilíngue, escrito pela autora ao longo do período em que viveu em Sevilha, Espanha, explorando interconexões entre o ser mulher e a imaginação simbólica em torno das questões da errância e do exílio, assim como da fragmentação do sujeito na prática da escrita literária em um espaço liminar marcado pela condição do migrante.

O ensaio de Claudia Nina, *Macabéa secular*, aproxima a trajetória de Macabéa, de *A hora da estrela*, em sua mudez de palavra usurpada, às das escritoras brasileiras do século 19 na luta pela possibilidade de produção literária, tal como foi para a personagem de Clarice Lispector. *Ficção a trois: erotismo, mercado e valor em trilologias eróticas de autoria feminina*, de Luciana Borges, aborda duas trilologias de ficção erótica de autoria feminina considerando a relação entre literatura, valor de mercado e circulação de capital erótico: *Cinquenta tons de cinza*, da inglesa E. L. James, e a *Trilogia Obscena*, da brasileira Hilda Hilst, lançada na década de 1990, compostos de modo que podem ser considerados opostos quanto a suas estratégias de composição formal, construção temática do erotismo e limites transgressivos da pornografia. Por fim, Eliane Campello, em *Cinquenta tons: "It's a love story!"*, faz sua análise lançando

mãos das questões de gênero e das categorias do *best-seller* e da *chick lit* [literatura de mulherzinhas], considerados produtos de consumo de massa, à trilogia da autora inglesa E. L. James.

O número encerra com duas **Entrevistas**. A primeira, feita por Tanay Gonçalves Notargiacomo, intitulada *Diálogos contemporâneos da produção de autoria feminina*, foi realizada com a escritora Elvira Vigna a respeito da literatura de autoria feminina bem como a produção no século XXI, tendo em vista seus procedimentos que perpassam um processo de ditadura militar. A segunda entrevista dialoga, em certa medida, com a anterior. Realizada pelas historiadoras Cristina Scheibe Wolff e Tamy Amorim da Silva, *Às vezes só podíamos chorar junto* transita pelo universo da ditadura e resistências ao entrevistar Margarida Bulhões Pedreira Genevois, que lutou contra os desmandos da ditadura, por meio da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, e que ainda atua em defesa dos Direitos Humanos no Brasil.

Por fim, com vistas a uma edição comemorativa, vale deixar registrado que este número especial foi excepcionalmente impresso, com apoio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação – PROPG. Para tanto, foi necessário realizar alguns ajustes tipográficos e de formatação para adequá-lo às demandas de impressão.



